

Resenha: *Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar* de Boaventura de Sousa Santos¹

181

Por Ana Flávia Costa Eccard²

Rafaela Francisco da Nobrega³

Boaventura de Sousa Santos dedica-se ao longo dos anos a estudos voltados para múltiplos campos do saber, mas que em sua convergência se situa a análise crítica do capitalismo em suas variadas manifestações, seja em campos referentes aos impactos do colonialismo, seja em estudos sobre democracia e globalização. Amplamente traduzido em diversos idiomas, sua produção revela a urgência pelo entendimento da realidade justificada na atenção aos variados temas que percorrem o atual sistema global de produção de riqueza e de conhecimento. Nesse sentido, seu recente trabalho, *Vírus, tudo que é sólido se desfaz no ar* perpassa a geração constante de crise em oposição ao status de normalidade.

Boaventura publicou seu texto em março no ápice da pandemia mundial do Coronavírus, sendo um dos primeiros pensadores a se debruçar sobre o problema. Seu texto traz grandes reflexões sobre a sociedade hipercapitalista e as crises que se desdobram desse regime.

O debate acerca de como se pode conhecer melhor a verdade e as qualidades das instituições componentes de uma sociedade é conduzido pelo autor e coloca em xeque se situações de crises excepcionais ou de normalidade revelariam mais satisfatoriamente um retrato social.

Sousa Santos traça um panorama do estado de crise engendrado pela face mais recente do capitalismo, qual seja, o neoliberalismo e tensiona o debate acerca da própria definição de crise, posto que esta seria uma fuga do estado de normalidade, funcionando como um elemento extraordinário das circunstâncias. Contudo, estabelece que desde a década de 1980 o neoliberalismo se retroalimenta de crises permanentes em que se explicam cortes em políticas sociais ou redução de salários como consequências de crises financeiras. As crises são pensadas a partir de dois vieses: crise passageira e crise excepcional. A primeira

¹ Boaventura de Sousa Santos nasceu em Coimbra, 15 de novembro de 1940. É doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale (1973), além de professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Universidade de Wisconsin-Madison. Foi também global legal scholar da Universidade de Warwick e professor visitante do Birkbeck College da Universidade de Londres. Seu livro mais recente é *Esquerdas do mundo, uni-vos!* (Boitempo, 2018). Pela Boitempo, publicou também *A difícil democracia: reinventar as esquerdas* (Boitempo, 2016) e *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social* (2007). *A cruel pedagogia do vírus*. (Boitempo, 2020). E colabora com o Blog da Boitempo esporadicamente.

² Doutora em Direito pelo PPGD-UVA, doutoranda em Filosofia pelo PPGFIL-UERJ, advogada e psicanalista em formação.

³ Doutoranda em filosofia pelo PPGFIL-UERJ, bolsista CAPES.

deve ser explicada pelos fatores que a provocam, já a crise permanente transforma-se na causa que explica todo o resto.

Nesta medida, o autor afirma que as verdadeiras causas das crises (ou da crise permanente) estão em acordo com uma política de concentração de riqueza e não objetiva seu fim. Ou seja, a permanência da crise se ocupa da manutenção dos status sociais e frequente alargamento das desigualdades, fomentado largamente por descaso com as pautas ecológicas e crescente aceleração dos efeitos danosos da crise climática.

Porém, como a atual pandemia se associa a esse estado de coisas que lhe são anteriores? Sousa Santos enxerga a pandemia como um elemento que vem agravar a situação preexistente e tornar evidente o quanto a precarização de políticas públicas sobrecarrega as populações mais pobres e em estado de vulnerabilidade.

Ao cunhar a expressão *elasticidade social* o autor discorre acerca de como os modos dominantes de vida se alteram ao longo dos tempos em suas condições de alargamento da vida e adiamento a morte e salienta que os modelos impostos por um sistema hipercapitalista se coloca como algo natural e inerente a condição humana. Entretanto, o cenário pandêmico que tem marcado o ano de 2020 demonstra que essa imutabilidade das coisas dadas como naturais e normatizadas é sacudido a ponto de necessitar que mudanças drásticas se operem.

O modelo vigente anterior que sincronizava trabalho e consumo como parte intrínseca da convivência social cede lugar à diminuição do ritmo desse binarismo (binômio) e traz à tona alternativas que antes eram tidas como impossíveis. Sousa Santos nos mostra que a pretensa impossibilidade é um mecanismo dos sistemas políticos que abdicam de discutir as opções e alternativas e estas alternativas passam a emergir das crises e se apresentarão cada vez mais movidas por situações de desastres, pandemias e colapsos financeiros, isto é, nos cenários em que não se pode trata-las de maneira organizada.

A pandemia provoca alterações na maneira como as classes mais abastadas lidam com seus privilégios, pois acaba por balançar a pretensa segurança e distinção que os cerca. Sousa Santos evoca a etimologia de pandemia para demonstrar como o vírus, num primeiro momento, coloca a todos num aparente estado de igualdade e comunhão. Porém, a solidariedade advém de uma estranha necessidade para nosso tempo de isolarmo-nos uns dos outros.

Ao elencar consequências positivas e negativas da crise pandêmica, Boaventura de Sousa Santos aponta que a significância dos Estados Unidos na economia global demonstra características opostas nesse cenário. Se por um lado a maior economia capitalista do mundo sofre com as mudanças que a pandemia provocou em relação à produção e ao consumo, por

outro lado os impactos ecológicos são patentes. A diminuição da poluição reduziu os impactos atmosféricos dos efeitos massivos da desenfreada produção melhorando a qualidade do ar. Contudo, o autor levanta uma importante questão: a desaceleração da produção ocorre a que custos? A vida humana precisa sucumbir para que a natureza prospere em seus feitos? Teria nossa capacidade de pensar alternativas aos atuais modelos se esvaído?

Sousa Santos pauta a diferença de Estados que operam por modelos mais afeitos à democracia e a maneira como se pode conceber o controle da propagação pandêmica frente a países como a China, como o próprio autor indica, não ser reconhecida por este regime de governo. A disputa que se apresenta é a da eficácia em mitigar o avanço do vírus através de medidas de vigilância contundente ou de massiva circulação de informação. Neste cenário soma-se ainda a crescente circulação de notícias falsas ou deturpadas, as fake news, que se mostram como, se não um entrave, um dificultador em manter a população bem informada sobre as medidas e os protocolos sanitários a serem adotados.

O autor segue em seu livro a ideia de que há um controle narrativo da imprensa ocidental, especialmente a dos Estados Unidos, em relação à confiabilidade na China quanto a segurança alimentar, visto que sus hábitos diferentes são abordados de modo depreciativo, e domínio sobre a escalada do novo coronavírus. Se por um lado a OMS não tem em definitivo a origem do vírus, nos Estados Unidos é chamado largamente por vírus chinês. Esta prática adotada pelos estadunidenses revela uma disputa econômica uma vez que a China é segunda economia mundial e consiste em uma ameaça aos interesses financeiros dos Estados Unidos. Desse modo, o tratamento midiático sobre o vírus corrobora ao tratamento oficial construído em torno da ideia de que a China não é confiável e, portanto, deve ser neutralizada. Há uma guerra não explicitamente declarada sobre o domínio econômico mundial.

O avanço da pandemia ao redor do mundo mostra de modo mais evidente a vulnerabilidade de grupos em situação de refúgio e imigrantes. Um alerta emitido pelo Médico Sem Fronteiras expõe a dimensão do problema em campos de refugiados onde as medidas sanitárias são pouco efetivas, pois a concentração de pessoas em um espaço diminuto é grande, além de que a precariedade das instalações aumentam os riscos de contágio. Sousa Santos observa que mesmo na Europa há o privilégio de alguns em detrimentos dos outros, especialmente se o outro for não europeu.

Boaventura de Sousa Santos provoca nosso olhar diante das implicações econômicas e sociais que a crise pandêmica proporciona dentro de um sistema hipercapitalista, acentuando as desigualdades e promovendo as corridas entre potências em que a finalidade não é achatar

as disparidades e cuidar dos vulneráveis, mas consolidar cada vez mais uma massificação dos
corpos em favor do capital.